

## O BRASIL NO SÉCULO XIX: REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO, RETRATADA EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS, COM SEUS REFLEXOS NA CONTEMPORANEIDADE

**Antonio Carlos Rodrigues de Souza<sup>1</sup>, Geraldo Martinho Leite<sup>2</sup>, José Carlos Cardoso<sup>3</sup>, Vladimir Agostinho Peres<sup>4</sup>, Orientador: Professor MSC Luiz Carlos Andrade de Aquino<sup>5</sup>**

<sup>1</sup>Univap/Faculdade de Direito, antoniocrsouza@uol.com.br

<sup>2</sup>Univap/Faculdade de Direito, martinho\_leite@ig.com.br

<sup>3</sup>Univap/Faculdade de Direito, jcarlos.cards@hotmail.com

<sup>4</sup>Univap/Faculdade de Direito, agostinhoperes@gmail.com

<sup>5</sup>Univap/Faculdade de Direito, aquino@univap.br

**Palavras-chave:** Educação, Elite, História, Literatura, Século XIX

**Área do Conhecimento:** Política, História, Educação e Literatura

**Resumo:** Este artigo retrata a sociedade brasileira no século XIX, representada no livro Memórias Póstumas de Brás Cubas, que é liberal de fachada, mas escravocrata de convicção. A educação é um privilégio da elite. A vinda da família real à Colônia fortaleceu o poder econômico e autoritário da elite. O controle da educação em seu benefício a propagou até os nossos dias. Todas as mudanças na classe dominante tiveram origem interna e tiveram a nuance de acomodação para manutenção do poder.

### Introdução

Este artigo aborda o Brasil no século XIX, cuja elite era liberal influenciada pelas idéias européias, mas adepta ao escravismo, apesar dos anos passados não houve mudança significativa, apenas uma adaptação. Buscou-se elementos na obra Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, através de um olhar crítico sob o prisma da educação, a partir daquele período, com projeção na contemporaneidade, pois pretende-se demonstrar os fatores que contribuíram à perpetuação e à adaptação dessa elite.

### Materiais e métodos

A partir de pesquisa bibliográfica interpreta-se a obra Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis. Identifica-se que nesta obra existe uma crítica contundente à elite brasileira, além do perfil da população. Estabelece-se, ainda, o contraponto entre o sistema educacional e a elite vigente no século XIX e seus reflexos nos dias atuais.

### Resultado

A mensagem no limiar da obra é como uma diretriz a ser perseguida e dá o sinal do seu grau de credibilidade: “Escrevia-a com a pena da galhoia e a tinta da melancolia; e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio” (ASSIS, 1997, p.12).

A preocupação de Machado de Assis com a educação é patente: “Escreveu muito, em diferentes gêneros e formas e parece ter encarado este trabalho como verdadeira “atividade civilizadora”, procurando contribuir para a educação das elites e do povo em geral, embora soubesse muito bem que, no curto prazo a massa do povo não poderia ler” (FACCIOLI, 2002, p.15).

Brás Cubas foi cursar Direito em Coimbra, por castigo, e revela que não aprendeu o suficiente, mas conseguiu o título de Doutor e isso é o que interessa. “...A Universidade esperava-me com as suas matérias árduas; estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel;..... uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades, - ... um acadêmico estróina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. No dia em que a Universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso” (ASSIS, 1997, p.56).

Brás Cubas não dá importância ao período pertinente a sua educação, conforme citado por Assis: “Unamos agora os pés e demos um salto por cima da escola, a enfadonha escola, onde aprendi a ler, escrever, contar, dar cacholetas, apanhá-las, e ir fazer diabruras, ora nos morros, ora nas praias onde quer que fosse propício a ociosos” (1997, p.40).

O método educacional empregado pelo personagem professor Barata é citado e mostrado

suas mazelas, como palmatórias: "Ó palmatória, terror dos meus dias pueris, tu que foste o compelle intrare com que um velho mestre, ossudo e calvo, me incutiu no cérebro o alfabeto, a prosódia, a sintaxe, e o mais que ele sabia, benta palmatória, tão praguejada dos modernos, quem me dera ter ficado sob o teu jugo, com a minha alma imberbe, as minhas ignorâncias, ..." (ASSIS,1997, p.40).

O professor é desdenhado, seu endereço é ridicularizado: "...metido numa casinha da Rua do Piolho, sem enfadar o mundo com a tua mediocridade, até que um dia deste o grande mergulho nas trevas, e ninguém te chorou, salvo um preto velho, ninguém, nem eu, que te devo os rudimentos da escrita ..." (ASSIS,1997, P.40).

Os escravos e os alforriados não têm educação formal e limitam-se a repetir os ensinamentos vivenciados. Um exemplo disto é o alforriado Prudêncio, que compra um escravo e pratica as mesmas barbáries que sofrera outrora e continua submisso ao antigo dono. Machado de Assis narra o diálogo entre Prudêncio, antigo moleque e escravo de Brás Cubas, com seu antigo senhor, demonstrando toda submissão e repetição das maldades recebidas contra um semelhante, como se o fato fosse normal (ASSIS,1997, p.40).

Eugênia, apaixonada por Brás, percebe que está sendo desprezada por ele, mas concorda com sua atitude, demonstrando uma submissão que é reflexo da educação recebida "... com simplicidade; faz bem -- E como eu nada dissesse, continuou: -- Faz bem em fugir ao ridículo de casar comigo. Ia dizer-lhe que não; ela retirou-se lentamente, engolindo as lágrimas" (ASSIS,1997, p.78).

Brás Cubas escancara a sua formação de caráter que é produto daquela criação cujos ensinamentos o levavam a justificar e aceitar as injustiças e as barbáries, contextualizado na elite da época: "Sim, meu pai adorava-me. Minha mãe era uma senhora fraca, ... temente às trovoadas e ao marido. O marido era na Terra o seu deus. Da colaboração dessas duas criaturas nasceu a minha educação, que, se tinha alguma coisa boa, era no geral viciosa, incompleta, e, em partes, negativa" (ASSIS, 1997, P.33).

Como afirma Saviani "A educação brasileira limitou-se, ao longo de sua história, a atender aos interesses das elites, visando formar, entre elas, os dirigentes, e tendo-se voltado para o povo apenas nos limites da formação de mão-de-obra e de inculcação ideológica para direcionar a escolha dos governantes" (1997, p.56).

Moraes relata os dizeres de Rui Barbosa no final do século XIX: "Um governo pusilânime e, pior que isto, campeão na permissividade às corrupções; a câmara dos deputados aviltada por si mesma, de fiasco, merecendo vaias das galerias; irresponsabilidades em todos os graus

hierárquicos; escândalos com personalidades, servilismo e desfibramento de caráter; a instrução pública uma coisa ainda por criar, uma ridícula mesquinha negaceada às classes carentes, aleijada, impura, envenenada pelo patronato, inacessível à maioria dos contribuintes (1989, p.3).

As personagens de Memórias Póstuma de Brás Cubas são uma síntese não só da elite, mas também do povo daquele tempo. Machado de Assis sob o olhar do defunto retrata o caráter, a cultura, o sentimento e o modo de vida no século XIX, em interação com o mundo. Retrata uma classe social a partir de um membro e ao mundo a partir do Rio de Janeiro no século XIX. "A corte do Rio de Janeiro, onde vivem os personagens de Machado de Assis, assistiu as transformações radicais do século. Iniciada com a transferência da Corte portuguesa para o Brasil, a modernização da cidade acelerou-se no segundo reinado: ... uma nova sociabilidade, urbana e cosmopolita, a família iria aos poucos, mudar sua feição. Novos hábitos e valores iriam conviver às vezes conflituosamente, com os antigos costumes da tradição colonial." (MURICY,2008).

De acordo com Romanelli, "A valorização do ensino superior por parte do Príncipe, serviu somente ao motivo de proporcionar educação para uma elite aristocrática e nobre que compunha a corte. Os outros níveis de ensino ficaram em total abandono" (1978, p.33).

Essas constatações parecem atuais, o que demonstra que a sociedade não mudou, pois os políticos são a representação da sociedade em geral.

A educação é a chave para a estabilização dessa elite autoritária e robusta economicamente, que vem se metamorfoseando ao longo dos anos, mas continua no comando, seja direta ou indiretamente.

A colonização implantada no Brasil era de exploração predatória, tipicamente agro-exportadora e sem a menor preocupação com o solo. A instalação da Família Real na então Colônia, em 1808, só agravou esse quadro, pois foram estabelecidos os grandes latifúndios e entregues aos senhores feudais que, geralmente, praticavam a monocultura e se utilizavam da mão de obra escrava. Foram distribuídos os títulos nobiliárquicos que personificavam a expressão do poder. "Entre gente hispânica e lusa, colonizadora de novas terras que alcançaram, não vingaram a liturgia do trabalho e a atividade utilitária. A profecia divina dos primórdios do mundo, de que se ganharia o pão com o suor do próprio rosto, quase não encontrou eco entre povo tão religioso e católico, parecendo mais atraente e mais nobilitante a digna ociosidade" (HOLANDA, 1991, p.10).

A elite brasileira se amoldava às idéias liberais da Europa, mas se adaptava a realidade brasileira:

uma economia explorada e depredada pelos colonizadores, que funcionava na base do trabalho escravo. Apesar da independência do Brasil, proclamada sob a influência liberal exterior, a elite se apegava nos dizeres liberais de proteção à propriedade para defender seus direitos sobre os escravos.

Assim foi que, por pressão da Inglaterra, criou-se a Lei do Ventre Livre e a Lei do Sexagenário, após a proibição do tráfico negreiro, em 1850, mas nesse período o tráfico negreiro foi intenso no Brasil. Em consequência, foi criado um adágio popular que vigora até hoje: “lei para inglês ver”.

Como afirma Holanda *“Firmada a independência, o Brasil passou a ser pressionado pela Inglaterra para concordar com a assinatura de um tratado que definisse um tempo curto para a extinção do tráfico negreiro”* (1991, p.44).

## Discussão

No presente trabalho mostra-se a denuncia do sistema educacional vigente no século XIX e a desfaçatez e imoralidade reinante na elite econômica cujo braço visível são os políticos, pois detêm o monopólio da força coercitiva do estado. Ora a elite econômica exerce o poder diretamente, ora indiretamente, de acordo com as conveniências temporais, mas sempre o controla.

A chave para a interpretação das Memórias Póstumas de Brás Cubas está no entendimento de que foi escrito por um intelectual muito “vivo” e preocupado com a educação e com a política, escudado sob um defunto-autor, logo, desapegado de todos os medos mundanos, o que supõem uma exposição total à crítica, sem os receios peculiares aos vivos. A imoralidade, a ociosidade, a exploração do homem e da natureza pela elite, assim como o sofrimento e a humilhação dos escravos e dos agregados são relatados com tristeza, mas também com ironia pelo defunto-autor, e dessa união nasce a realidade vivenciada pelo memorialista, sob sua ótica isenta, apesar de subjetiva como toda criação individual. Nem por isso podemos tachá-la de irreal ou deturpada.

O defunto autor, desapegado das coisas materiais, relata o modo de vida da elite e do povo. Muitas passagens da obra são tidas como extremamente pessimistas e satíricas, o protagonista é rotulado de imoral, vagabundo e inútil pela generalidade da crítica. Interpretando-se os escritos memoriais do defunto-autor, deve-se atentar que nas suas sombras paira um intelectual realista e preocupado em denunciar os desmandos da sociedade da época.

A sociedade brasileira era liberal escravocrata e extremamente fortalecida devido às circunstâncias do governo da metrópole ter se estabelecido na Colônia no início do século XIX,

sufocando possíveis rebeliões e exaurindo os recursos naturais em seu proveito.

A educação no Brasil do século XIX espelhava a educação praticada na metrópole, que era autoritária, dogmática e não valorizava a ciência, nem as atividades técnicas. O Estado assumiu a educação com a expulsão dos jesuítas e semeou uma proposta autoritária de educação durante o período colonial e imperial e com enorme influência no período Republicano.

Todas as mudanças ocorridas na estrutura de poder no Brasil, desde o século XIX, originaram-se da própria elite e se estabeleceram como acomodação. Segundo Bosi *“A própria independência do Brasil originou-se de uma disputa entre os burgueses agroexportadores e a metrópole”* (1988, vol.2).

Salienta-se a pouca importância dada à educação por parte da elite, como demonstrado pelos dados históricos relatados no resultado, em consonância com as informações denunciadas no livro objeto de estudo.

## Conclusão

Constata-se que Brás Cubas não é um ser mentiroso e sem caráter. Ele é o espelho dos membros da elite e suas atitudes se conformam com sua classe social. Machado de Assis utilizou o defunto-autor para escancarar as mazelas do Brasil no século XIX, sem amarras.

Na época o Brasil era escravocrata, o poder era dividido entre os senhores donos das terras e os grandes comerciantes de escravos.

Com o fim da escravidão, os antigos donos de escravos se tornaram os grandes proprietários de terras e de empresas, pois detinham o capital.

A educação só existia para as elites e o povo se limitava a reproduzir as vivências do dia a dia. O governo incentivava o ensino privado às elites, relegando ao descaso o ensino público destinado ao restante da população.

Machado de Assis freqüentava a sociedade da época, conhecia as suas debilidades, sabia que o povo não lia, e sim apenas uma ínfima parte da elite.

Devido à desorganização e a omissão das províncias, o ensino médio, que era a preparação da elite para a faculdade, restou sob a responsabilidade do ensino privado; já o ensino primário, na sua maioria, ficou abandonado.

A elite utiliza-se da educação com o propósito de se manter no poder.

Lendo-se As Memórias Póstuma de Brás Cubas e os autores que versam sobre a educação no século XIX, conforme breves trechos citados em resultados, constata-se o pouco caso com a educação do povo, a imoralidade e o controle perpetrado pela classe dirigente em benefício próprio, mas fica-se estupefato com a capacidade

da classe dirigente se propagar no tempo com tamanha desenvoltura, então denota-se que essa rigidez e capacidade da elite brasileira em guardar tamanha similitude com os dias de hoje, deve-se a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil, o que proporcionou grande autoritarismo e poder econômico. Os ensinamentos de Maquiavel foram aplicados e surtiram efeito, mesmo que não tenham sido praticados deliberadamente – “*uma das maneiras de conservar o poder da terra conquistada, por mais tempo e com mais estabilidade é com a transferência do governo para a nova terra*” (1994, p 30).

Desde o século XIX o governo controla a educação, que é um privilégio das elites. Hoje uma boa parte do povo sabe ler, mas não entende o que lê, nem o que escuta, haja vista, os discursos de alguns políticos contemporâneos que possuem o dom da retórica, mas preferem meras palavras de ordem, sem conteúdo e muitas vezes até desconexas e paradoxais. Por exemplo, Presidente Lula: “*Não vou decepcionar o povo brasileiro. A manifestação que brotou ontem será a minha inspiração e minha bússola.*” (2002)

E ainda “*Tenho orgulho de dizer que minha mãe nasceu analfabeta*” (Lula, mídia, 2008)

A elite que de fato exerce o poder é a elite econômica, seja diretamente por intermédio da política ou indiretamente, se metamorfoseando e colocando no poder aquele que melhor atender aos seus interesses. O povo, desprovido de educação, carimba aqueles que lhes são oferecidos pela elite econômica, pois os altos custos das campanhas e o oligopólio da mídia desvirtuam a democracia.

A elite política atual defende idéias contrárias ao seu passado. Constata-se que na realidade o poder não mudou de mãos, apenas se adaptou de acordo com o momento político.

Qual a diferença entre a elite contemporânea e a elite do século XIX?

Qual a diferença entre os trabalhadores sem direito, após a abolição da escravatura, e os trabalhadores contemporâneos?

Como podemos explicar que a ascensão de pessoas de origem humilde e supostamente revolucionárias à “elite” não acione os mecanismos da revolução social benéfica ao povo?

As respostas a estas questões não são fechadas, mas apontam que na realidade não houve ascensão à “elite”, mas a elite para atender as suas necessidades se moldou à situação e continua no comando, cedendo em parte, mas controlando o essencial e a educação no seu sentido mais amplo é a responsável por este estado de coisas.

Hoje há o programa bolsa família, por intermédio do qual o governo federal oferece as famílias de baixa renda dinheiro e tem como

objetivo a manutenção das crianças nas escolas, fazendo de conta que a educação está ao alcance de todas as classes, inclusive as de baixa renda e os pais, salvo honrosas exceções, para manterem as benesses fazem de conta que seus filhos estão recebendo educação, mas a realidade é que a elite continua usando a educação para se manter no poder.

Na visão de Machado de Assis, em MPBC, a elite não disponibilizava educação ao povo, praticava um liberalismo imoral e tramava para se perpetuar no poder.

Hoje continua havendo necessidade de investimento maciço em educação, pois a educação é o ponto de partida para o desenvolvimento.

#### Referências

ASSIS, M. **Memórias póstumas de Braz Cubas**, Rio de Janeiro: Ediouro, 1997- (Biblioteca Folha; 4).

BOSI, A. **A Escravidão entre dois liberalismos** – Revista Estudos Avançados Vol. 2 nº3, São Paulo: USP, Set/Dez. De 1988.

FACCIOLI, V. **Um defunto estrambótico**, São Paulo, Nankim Editorial, 2002.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1991.

Lula, Presidente, em Frases do Lula depois de eleito, Internet site address: <http://noticias.terra.com.br/eleicoes/interna/> acesso em 02/06/2008.

Lula, Presidente, em Assim pensa o grande pastor, Internet site address: <http://www.gabeira.com.br> acesso em 02/06/08.

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**, Bauru, SP, EDIPRO, 1994-Séries clássicos.

MORAIS, R. **Cultura brasileira e educação**, Campinas, SP, Papirus, 1989.

MURICY, K. in *Machado de Assis e seu tempo*, Internet site address: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br>, acesso em 22/05/2008.

ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil**. 1930/1973, Petrópolis RJ, Vozes, 1978, p.33-46.

SAVIANI, D. A resistência ativa contra a nova lei de diretrizes e bases da educação nacional, São Paulo, Revista Princípios, Anita Garibaldi, 1997, p.66-72.